

# RAÇA E POLÍTICA

ENTREVISTA DE BENEDITA DA SILVA A MIRIAM DOLHNIKOFF,  
FERNANDA PEIXOTO E OMAR RIBEIRO THOMAZ\*

## RESUMO

A trajetória de Benedita da Silva constitui-se num caso singular na vida política brasileira. Negra e favelada, ela foi eleita duas vezes deputada federal, perdeu por pouco uma eleição para a prefeitura do Rio de Janeiro e é a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira no Senado. Nesta entrevista, Benedita da Silva aborda principalmente a questão racial, discutindo aspectos como o voto étnico, a presença dos negros na mídia e o movimento negro no Brasil. *Palavras-chave: questão racial; voto étnico; movimento negro; Benedita da Silva; entrevista.*

## SUMMARY

Benedita da Silva's career constitutes a unique example in Brazilian political life. As a black woman and *favela* dweller, she was elected twice to the federal Chamber of Deputies, lost the mayoral election in Rio de Janeiro by a narrow margin and became the first black woman to occupy a seat in the Brazilian Senate. In this interview, Benedita da Silva focuses her comments on the racial issue, dealing with different aspects such as the ethnic vote, the presence of blacks in the media and the black activism in Brazil.

*Keywords: racial question; ethnic vote; black activism; Benedita da Silva; interview.*

*Benedita da Silva costuma se definir como uma negra que deu certo. Filha de uma lavadeira e de um pedreiro, nasceu no Rio de Janeiro, na favela da praia do Pinto, no Leblon. Ainda criança mudou-se com a família para a favela do morro do Chapéu Mangueira, no Leme, onde reside até hoje. Vendedora ambulante, empregada doméstica, servente de escola e auxiliar de enfermagem, cursou, com grande dificuldade, como ela mesma afirma na entrevista que se segue, as faculdades de Estudos Sociais e de Serviço Social. Com o diploma desta última foi contratada para trabalhar no Departamento Estadual de Trânsito, emprego do qual se licenciou quando foi eleita vereadora pelo PT, em 1982, com 7.778 votos.*

*Em sua carreira política, sempre como militante do PT, tem acumulado vitórias surpreendentes para seu perfil étnico-social, em um país em que negros e favelados são objeto de profundo preconceito. Em 1986 Benedita elegeu-se deputada federal com 27.600 votos, cargo para o qual foi reeleita em 1990 com 53.293 votos. Em 1992 candidatou-se à prefeitura do Rio de*

(\*) Realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1995.

*Janeiro, sendo a mais votada no primeiro turno, com 833.559 votos (32,94% do total dos votos válidos). Foi vencida no segundo, por César Maia, por uma diferença de apenas 3% (cerca de 100 mil votos). Dois anos depois elegia-se senadora pelo Rio de Janeiro. Feito raro na história de um país em que o cargo é tradicionalmente ocupado por homens brancos abastados.*

*No decorrer dessa trajetória nunca procurou esconder suas origens. Ao contrário, sua identidade política foi construída justamente em torno de três características a princípio consideradas fatais por e para qualquer político: Benedita sempre fez questão de apresentar-se como representante dos negros, dos favelados e das mulheres. O que os unifica no seu discurso é a discriminação.*

*Dependendo do interlocutor, cada uma dessas três identidades sobressai; de qualquer modo, elas convivem de maneira incrivelmente harmônica na atuação da parlamentar e nas suas campanhas eleitorais. Como negra, Benedita fala tanto à maioria dos negros, homens e mulheres, que se encontram nos setores mais empobrecidos da população, como àqueles que conseguiram transpor a barreira do preconceito e ingressaram na classe média. Como favelada, dirige-se aos negros e brancos, homens e mulheres, que habitam as favelas brasileiras. Como mulher, aponta os problemas que enfrentam negras e brancas, pobres e ricas. Mas como militante do PT é, sem dúvida, a parcela mais pobre da população (especialmente negros e mulheres) que ocupa o centro de suas preocupações.*

*Em sua atividade parlamentar, Benedita está envolvida em projetos que vão desde a garantia de direitos para as empregadas domésticas até a regularização das terras remanescentes dos quilombos. Fala com especial entusiasmo de um projeto atualmente em tramitação que estabelece o percentual obrigatório de 40% para o aparecimento de negros nos meios de comunicação. Benedita defende o sistema de cotas como instrumento importante para minorar as diferenças raciais, mas, como petista e favelada, acredita que no Brasil as cotas deveriam beneficiar a população de baixa renda em geral e não apenas as minorias. Essa tripla identidade confere a Benedita um perfil peculiar entre os políticos brasileiros e entre os políticos de seu próprio partido. Peculiaridade que, como ela afirma, rendeu e tirou votos nas suas diversas campanhas.*

*Na eleição para a prefeitura do Rio de Janeiro, conquistou para o PT uma vitória inédita nas regiões mais pobres da cidade. Até então o partido havia concorrido com candidatos brancos, de classe média, que procuravam transpor, através de seu discurso, a distância social e cultural que os separava dos habitantes pobres da cidade. O que aliás valera para o partido o epíteto de "radical chic". Com Benedita da Silva, pela primeira vez o PT carioca apresentava uma candidata que estampava em sua cor e em sua história a realidade daqueles a quem o partido preferencialmente se dirigia. O resultado foi que a zona Sul, reduto da classe média, onde o PT detinha a sua principal base eleitoral em pleitos anteriores, preferiu César Maia, enquanto Benedita recolhia seus votos nas zonas Oeste e Norte, as mais pobres da cidade, e até então praticamente impermeáveis à legenda.*

*Fenômeno parecido ocorreu em São Paulo, onde, em 1988, uma nordestina, Luíza Erundina, também do PT, conseguiu eleger-se prefeita de*

*uma cidade em que concentra amplo contingente de migrantes nordestinos, também eles vítimas de velado preconceito. A diferença entre ambas residia em que Erundina nunca se apresentou como candidata dos nordestinos, embora fizesse questão de afirmar sua condição de migrante, enquanto Benedita transformava sua condição de negra e favelada em uma bandeira desfraldada com visível orgulho. No decorrer da campanha eleitoral, afirmava ser a melhor candidata por ter a cara do Rio. Cara que com certeza assustava uma classe média atônita com a possibilidade de sua vitória em uma cidade convulsionada por arrastões e sequestros. Seus opositores não hesitaram em manipular esse medo.*

*Em editorial publicado a 3 de outubro de 1992, dia da votação do 1º turno, o Jornal do Brasil associou a imagem de Benedita aos sequestradores que dominam as favelas do Rio, aproveitando-se da decisão da candidata de adiar a visita a uma favela, em respeito ao luto dos moradores provocado pela morte de três envolvidos em sequestros. O editorial foi lido por César Maia em debate com Benedita transmitido pela televisão. No dia anterior à votação no segundo turno, o mesmo jornal publicava outro editorial em que afirmava que "Benedita foi clara ao declarar que os que moram embaixo são privilegiados e, portanto, terão que pagar IPTU mais alto. Ela não disse, mas também não desautorizou a versão de que a primeira iniciativa dela seria propor que os favelados tenham prioridade [...] na ocupação dos imóveis vazios. (...) A idéia de jogar a burguesia carioca ao mar é apenas um slogan. Com a palavra, para a resposta, o eleitor que paga imposto". Como ela mesma gosta de afirmar, a candidata negra, favelada e mulher foi derrotada pelos preconceitos de uma sociedade acostumada a ver o poder nas mãos de homens brancos e ricos. Este preconceito Benedita enfrentou durante toda a campanha em que, como relata a seguir, ele era manifestado não apenas por brancos, mas também por negros descrentes da possibilidade de um deles realizar uma boa administração. De outro lado, é preciso relativizar a derrota. Afinal, não é sempre que uma negra favelada consegue disputar e quase ganhar as eleições municipais de uma das principais cidades (e ex-capital) do país.*

*Nesta entrevista Benedita fala preferencialmente da questão racial. O Cebrap, já há algum tempo, vem realizando pesquisas sobre o assunto. No momento, três investigações tratam do tema com perspectivas diferentes. Uma delas aborda a saúde reprodutiva da mulher negra; outra, examina as potencialidades do voto étnico no Brasil; e uma terceira investiga as organizações negras em São Paulo, comparando-as com entidades que lidam com outros segmentos (mulheres, índios etc.) para pensar as novas faces da cidadania. (Míriam Dolhnikoff, Fernanda Peixoto e Omar Ribeiro Thomaz)\**

(\*) Pesquisadores do Cebrap.



*Gostaríamos de iniciar esta entrevista discutindo a questão do voto étnico. Durante a sua campanha eleitoral para a prefeitura do Rio de Janeiro, em 1992, realizamos uma pesquisa que indicava serem 51% de seus eleitores negros e mulatos. Observamos também, nesta mesma pesquisa, que entre os eleitores que declararam preferência pelo PT, apenas 42% eram negros e mulatos. Isto é, você possuía um eleitorado de negros e mulatos maior que o do PT, que provavelmente se identificava com você não pela legenda partidária mas por outras razões, talvez pela questão da cor.*

*Analizando melhor sua campanha eleitoral e sua trajetória política, constatamos que você vem construindo a sua identidade pública em cima de três pontos fundamentais: o fato de você ser mulher, negra e favelada. Como você avalia o peso da questão racial nas eleições das quais você participou? Em que medida você ganha ou perde votos por ser negra?*

Pelo que pudemos observar nas eleições para a prefeitura do Rio, o fato de eu ter uma identidade claramente definida me fez, evidentemente, perder muitos votos. Sim, porque como vivemos uma sutileza de democracia racial, o racismo existe e as pessoas são apanhadas em flagrante no momento em que deparam com uma identidade como a minha. Tenho consciência de que perdi muitos votos por ser negra.

Mas, há o outro lado disso. Eu também ganhei muitos votos pela mesma razão, principalmente dos setores mais empobrecidos da sociedade, até porque nós negros somos majoritariamente pobres na sociedade brasileira. Então a associação cor e pobreza me fez ter votos entre os pobres. Ao contrário, entre as classes médias, onde a etnia majoritária é branca, eu tive uma perda enorme de votos. Aí, a questão racial pesou contra mim. Afinal, esse mito da democracia racial é ainda mais vivo para quem não é negro. Todas as investidas que são feitas no nível da intelectualidade são para que eu tenha uma dimensão maior da política brasileira, para que eu abandone essa identidade de negra, mulher e favelada. Essa intelectualidade não consegue ver que são estas as referências que fortalecem a minha identidade e que fazem com que eu possa questionar o capitalismo, as relações humanas, a feminilização da pobreza, que me permitem ver o que foi o processo escravocrata no país. O fato de eu estar altamente identificada com essas causas me faz estar em que escala do conhecimento? Para muitos, lá embaixo. Então eu não sou uma pessoa suficientemente preparada para enfrentar uma administração pública, não tenho um conhecimento geral. Todas essas críticas são decorrentes de que a minha identidade como negra, mulher e favelada é muito forte e mesmo quando eu não me refiro a ela, alguém está sempre pronto para lembrar dela. Aconteceu uma coisa incrível. O 13 de Maio é para nós negros um dia de protesto e lá no Senado, um dia de maio, o senador Tuma me chamou e disse: "O dia 13 está chegando e não vi você pedir uma sessão! O que aconteceu?". Quer dizer, era importante que eu falasse. E eu não estava pensando em pedir sessão nenhuma! Eu falo em várias datas, no 20 de Novembro e em outras. Então, eu resolvi pedir a sessão e colocar o que o 13 de Maio representa para nós da comunidade negra.

Esse exemplo é para vocês verem que existe uma consciência de que eu estou ligada a essa identidade.

*Você disse que a população de negros eleitores pertence majoritariamente às classes de renda mais baixa. Você acha que a identificação desse grande contingente de eleitorado negro com a sua candidatura se deu mais pelo aspecto racial ou passou preferencialmente pela questão social, pelo fato de você ser favelada?*

Olha, eu acho que o movimento negro no Rio comeu mosca porque foi a primeira em que a etnia falou mais alto, e não um discurso. As pessoas passavam por mim e diziam assim: "Vou votar em você!", e ao dizerem isso, passavam a mão no braço para indicar que iam votar na cor da pele. Foi a primeira vez que eu deparei com a realidade do discurso que eu vinha fazendo sobre a questão da negritude. Quando eu disse que o movimento negro comeu mosca é porque ele tem como referência apenas o negro que está na instituição, na organização. Eu, na minha campanha, pude ver um outro movimento, não o movimento dos negros organizados, mas um movimento da consciência, porque eles estavam votando em mim com a consciência da negritude. Não estavam votando porque era PT, não estavam votando porque era pobre. Mostravam a cor da pele ao falarem comigo. Essas manifestações foram maravilhosas durante a campanha. Eu aprendi muito, e não apenas com os gestos de apoio mas também com aqueles que me olhavam e diziam: "Deus me livre, é uma macaca!". Todos esses tipos de reação, eu vivi. E na minha avaliação o que me derrubou foi exatamente a questão racial e não a questão social, a pobreza; a questão racial foi uma fortaleza e assustou.

Pela primeira vez as pessoas foram apanhadas de frente com o problema racial. Sim, porque por mais que quisessem justificar minha falta de informação, não colava muito. Eu fiz duas faculdades, já era deputada federal e tinha uma experiência política e comunitária interessante. O que estava em jogo contra mim, então? Eu era pior porque não fiz Economia e sim Estudos Sociais? Porque para administrar tem que ser economista? Ou será que numa explosão social não é melhor ser assistente social? Além disso, eu também era deputada federal como o César Maia. E uma deputada comprovadamente competente, muito mais que o César Maia. Ele discutiu economia, mas me digam quais os projetos que ele apresentou concretamente que mobilizaram o país, em nível nacional? E Benedita da Silva? Todos os artigos em relação ao negro na Constituição, eu coloquei. Todos os artigos em relação à mulher, à criança, ao adolescente, às empregadas domésticas, aos trabalhadores, às trabalhadoras rurais. Se você pega a Constituição, na questão social, minha competência está lá atestada. O meu mandato nunca foi um mandato medíocre, ao contrário, foi um mandato que se fortaleceu internacionalmente, não por conta de discursos mas de ações práticas.

É claro que eu não tenho uma mídia para falar do meu trabalho coletivo. Sim, porque eu não estou falando de iniciativas individuais mas de

trabalhos comunitários. Ninguém sabe que antes de existir a FAMERJ\*, por exemplo, que é uma organização de base, de classe média, existiu uma coisa chamada associação de moradores, e quem estava lá fundando? Benedita da Silva. Quem organizou o movimento nacional de mulheres? Benedita da Silva, a partir das favelas. É claro que o setor de classe média tem mais força política para dar projeção às suas iniciativas do que o chamado movimento popular. Nas coisas feitas por mulheres, por exemplo, nós temos o dia 1º de maio, que é o dia em que os trabalhadores foram presos e apanharam, mas nós sabemos que, muito antes disso, as mulheres foram queimadas nas fábricas pedindo as mesmas coisas. Por que então não atribuir àquela outra data e sim ao 1º de maio o Dia do Trabalho? Enfim, são esses elementos que a gente trabalha, que são fortes. Em relação à negritude, procuro trabalhar com elementos igualmente fortes e isso pega; e na campanha eleitoral pegou contra.

(\*) Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro (N.E.).

*Mas será que foi mesmo a negritude que derrubou você? Acompanhando a sua campanha, notamos que você foi muito atacada por ser favelada. Alguns editoriais do JB eram assustadores, afirmando que você iria governar só para as favelas, que os arrastões iriam se espalhar pelo Rio etc. Em relação ao aspecto racial não parece ter havido nada mais concreto. Enfim, gostaríamos que você contasse um pouco mais da experiência da campanha em relação ao problema da negritude.*

Durante a campanha, por exemplo, as primeiras discriminações feitas diziam respeito à raça e não à pobreza. Fizeram piadinhas, do tipo "macaca do zoológico", plantavam bananeiras na minha frente. O (Jorge) Bittar\* cansou de quase chegar ao corpo-a-corpo no meio da rua. Porque era um ataque ostensivo, pulavam na minha frente, me ofendendo. Foi algo terrivelmente violento, não há como mistificar o que ocorreu. À medida que aumentava a possibilidade de eu vir a ser prefeita da cidade, os ataques cresciam: "Essa mulher, ela não pode!". Afinal, essa mulher era não só a esperança dos pobres, das mulheres, mas também a esperança do negro. Era a denúncia própria do racismo. E as agressões foram de tal ordem, de uma crueldade... chegava um determinado momento em que escreviam, falavam, telefonavam: eu era "macaca" com todas as letras. Eu, para me proteger, pensava que aquilo não era verdadeiro. Mas o pessoal que trabalhava comigo, todos brancos por sinal, e que gravou diversas cenas chocantes de racismo, de ataques, evitava me mostrar os vídeos. As agressões eram tão fortes que eles não tiveram coragem de me mostrar. Eles, todos brancos, e arrasados. Foi muito forte.

(\*) Candidato a vice-prefeito na chapa de Benedita da Silva (N.E.).

Em relação ao arrastão que vocês mencionaram, nele também pesou a questão da negritude. É importante colocar isso porque tanto a direita quanto a esquerda escamoteiam a questão racial. O arrastão que estava nas ruas era de negros e não de brancos. Foi tudo armado contra mim. Por que eles não encheram os carros de brancos pobres e soltaram nas praias? Por isso é que o Brizola dizia: "Isso é para prejudicar a Benedita!". O pavor não era só que o morro ia descer, mas que eram os negros. Porque também tem branco pobre, e como tem!

*Mas em termos de identidade dos negros e mulatos com a sua candidatura, também houve manifestações concretas de identidade pela cor?*

Concretíssimas, positivas, muito mais positivas que negativas, porque é claro que teve negro que não votou em mim. Claro que teve negro que absorveu a cultura dominante e achou que eu não tinha capacidade para administrar. É claro, passam a vida inteira dizendo que nós somos incompetentes, ignorantes e aí quem absorve essa cultura, acredita nela. Diante de uma campanha que marca a identidade negra, esse indivíduo identificado com a cultura dominante branca não vai aderir à Benedita da Silva. Porque eu represento a cor da minha pele. Tenho até uma carta que eu escrevi sobre a cor da minha pele. Eu fiz o texto no momento da Constituinte, porque eu enfrentei esse problema da cor. Quando eu quis ser deputada federal, todo mundo achou: "vereadora, tudo bem, mas deputada federal...". O Paulo Francis me arrasou, e vários outros, foi uma loucura. Então eu fiz um texto chamado "A cor da minha pele" e li no Senado. Nele eu falo tudo que representa a cor da minha pele. Eu tenho consciência de que essa cor representa várias coisas, inclusive o medo, porque ela está associada ao poder. O poder é branco, eu sou negra; o poder é masculino, eu sou mulher; o poder é rico, eu sou pobre.

Diante disso, há determinados negros que pensam assim: "Ah, eu não vou votar na Benedita, porque ela não vai dar conta e negro não pode perder e aí eu vou ficar com vergonha. Isso não é pra nós que passamos a vida inteira assim. Vai nos envergonhar, vai ficar feio, então é melhor não". Ou então volta a velha idéia, "Ela não tem competência". Eu vi uma porção de empregadas domésticas para quem as patroas diziam: "Olha, você vai votar na Benê? Mas ela está lá no morro, é igual a você, você tem condições de governar?". E nos encontros que nós fazíamos elas contavam essas coisas. Algumas tiveram coragem e votaram, outras, não. E na Assembléia Nacional Constituinte, quando eu defendi os interesses das empregadas domésticas, naquele momento era possível ver por que os patrões não queriam a Benedita da Silva: "Essa mulher vai mexer com o meu bolso, vai dizer que a empregada tem direito. Eu não tenho como pagar, não vou pagar". Porque as relações de trabalho com essas mulheres são de escravidão.

A consciência da negritude é ainda um grande debate nacional, assim como a gente discute a legalização do aborto. Ninguém vai legalizar o aborto e não é porque a Igreja não quer, é porque não fomos capazes de promover um grande debate nacional com todos os contraditórios existentes nos seres humanos. A questão racial é uma questão muito séria, muito forte. Em toda e qualquer iniciativa nesse sentido, coloca-se a questão social na frente, aí você tem, como pano de fundo, a questão racial.

*Você acha que o voto étnico pode ser um caminho? Quer dizer, o movimento negro organizado poderia adotar a defesa do voto étnico, defender a idéia de que os negros devem sempre votar em candidatos negros para fortalecer a bancada negra no Congresso?*

Eu não sou uma defensora da idéia. Seria bom do ponto de vista da negritude, mas na minha concepção a representação política é de uma

sociedade como um todo. O voto étnico, se ele pudesse colocar os negros no poder, com o poder de viabilizar uma nova política, seria ótimo. Só que, na medida em que você trabalhar o movimento negro nessa direção do voto étnico, isso representaria uma radicalização. Para deslanchar esse processo, é preciso radicalizar do ponto de vista racial. Só que eu tenho consciência de que vivemos numa sociedade que é de negros, índios e brancos, onde nós negros somos majoritários. O que nós negros buscamos é resgatar nossa identidade, nossa cidadania e mostrar que a sociedade brasileira não é branca, como a imagem que ela tenta passar. E se radicalizamos, não criamos parceiros, porque etnia pressupõe outros valores. Até nisso o mito da democracia racial foi de uma competência muito grande: ele colocou o negro, que é crioulo, mulato e disse que ele é feijãozinho, que é não sei o quê "inho". Quando a Camila Pitanga diz que ela é negra, todo mundo fica espantado. Imagino o que ela não deve passar na televisão, o pessoal dizendo: "Não diz que você é negra, porque você não é". Eu acho que nós temos que fortalecer a comunidade negra e que o voto de negro em negro vem por outros caminhos. Eu vi na campanha para a prefeitura, ele vem por outro caminho, vem se você consegue amadurecer uma proposta concreta e dar destaque às nossas lideranças. Porque a gente acha lindo falar do Mandela, mas e os nossos líderes? Os nossos heróis e heroínas estão no anonimato no Brasil e nós estamos batalhando agora para que os trezentos anos de Zumbi sejam uma coisa importante para a nação. Eu venho batalhando pelo destaque dos negros na sociedade brasileira. Na televisão, por exemplo, eu estou lutando pela presença dos negros na mídia. Vocês não imaginam o trabalho que os artistas negros fazem nos bastidores. Esse projeto não foi aprovado ainda, mas o fato de ter sido proposto causou várias discussões. Eu quero aproveitar esses trezentos anos de Zumbi para dar visibilidade às nossas lideranças, porque dessa maneira você atrai o eleitorado étnico.

*Seria interessante que você falasse um pouco melhor desse projeto, ao qual você também fez referência em debate recente na Folha de S. Paulo. No que ele consiste? Você defende o estabelecimento de cotas para negros na TV?*

Cota mínima de 40% de atores e atrizes nos programas, nas novelas, nos comerciais. Por quê? Nós não queremos que os negros na novela passem uma idéia de que eles só poderiam estar nos quilombos. Queremos que eles sejam tratados como atores. Nesta luta incansável, eu rendo a minha homenagem ao [Antônio] Pitanga, que trabalhou muito para que essa novela *A próxima vítima* contivesse uma família negra com os mesmos problemas que têm todas as outras. A novela não foi feita para tratar a questão racial, o que é quilombo, quem vai bater tambor, a religiosidade afro-brasileira, porque é só assim que o negro aparece na mídia, quando aparece. Por exemplo, onde está a Ruth de Souza que sumiu da telinha, essa negra maravilhosa? E o Grande Otelo, que marcou o cinema nacional? Nós temos excelentes atores negros! Mas ele estão ausentes do vídeo a maior parte do tempo.

Os meus netos que vêem televisão, por exemplo, e não se vêem na televisão. Eu, a mesma coisa: sou uma consumidora e não me vejo na tela. Mas quando o governo faz uma campanha qualquer que seja, planejamento familiar e outras, aí a tela fica cheia de negros sem dente. Eu vi na Bahia, uma vez, uma negra com o filho no colo, numa campanha que dizia "Não deixe o seu filho ser um marginal". Como quem diz, "passou por essa barriga negra, vai ser marginal". Nós precisamos trabalhar essa imagem que é altamente negativa. Esse projeto de cotas faz com que a imagem do negro na mídia seja algo natural e permanente, nas propagandas governamentais e em qualquer outra. Eu também compro na C&A, no supermercado, bebo leite etc. Mas esse projeto ainda está em tramitação.

*Essa família negra da novela, à qual você fez referência, e também as edições da Veja Rio e São Paulo só com negros para comemorar o 13 de Maio, são tentativas novas de mostrar, como você mesma disse, um outro tipo de negro, não só o desdentado, o marginal, mas os negros que deram certo. Você mesma, durante a campanha eleitoral da prefeitura, se apresentou como uma negra que deu certo. Se isso de um lado é válido porque valoriza a imagem do negro, de outro, pode reforçar a imagem dos negros que deram certo por seus atributos pessoais, quer dizer, são negros que viraram modelos porque bonitos, empresários porque empreendedores, professores universitários porque inteligentes. Esse tipo de abordagem não corre o risco de endossar a tese da democracia racial, mesmo valorizando a figura do negro? Uma interpretação possível seria que os negros ascenderam porque não existe racismo entre nós, ou seja, quem possui atributos pessoais pode ascender.*

Não concordo. A questão é que nós não temos com quem nos identificar. Vocês vejam a sutileza do preconceito: quando conseguimos mostrar uma família negra que venceu, os demais ficam imaginando que isso seria uma faca de dois gumes... é o preconceito introjetado na sociedade que permite esse tipo de leitura. A idéia é que dando visibilidade ao negro que deu certo é possível mostrar também como ele chegou ali. Benedita é uma negra que deu certo, senadora, mas como ela chegou ali? Essa história eu quero contar para ver as diferenças de quem chega e quem não chega. Porque quando atingimos um certo lugar na sociedade, temos o dever de colocar para a sociedade como chegamos. Para mim foi uma felicidade abrir a *Veja Rio*, pois eu me vi em outra situação ali: um era médico, o outro advogado, outra psicóloga etc. Isto é uma denúncia! Nós existimos e é preciso ter visibilidade. Qual o empresariado negro que a gente conhece? Poucos. Qual a articulação que temos com o empresariado negro? Nenhuma. Os negros não estão organizados na sociedade, não sabemos nem onde eles estão. Então, ao vermos uma reportagem como essa, localizamos negros em lugares que não imaginamos para eles.

O meu dentista era um negro, meu médico é negro e sabe por quê? Porque há uma diferença muito grande entre o consultório do doutor negro e o do doutor branco. Ele tem menos clientes, eu sei a dificuldade que é. Agora tenham certeza, todo negro que foge aos padrões estabelecidos,

tendo que lidar com o preconceito, chegou a esta posição porque é muito bom, tem que ser. Porque não se chega ao cume de qualquer maneira. O problema é que eu não gostaria que fosse apenas no tricentenário de Zumbi que fosse dada visibilidade a esses negros.

*Um comentário que tem circulado é que, se há um lado positivo na novela, que é a existência de uma família negra constituída como todas as outras, há um outro lado, não tão positivo, que é a falta de debate sobre a questão do preconceito, do racismo e da discriminação. Você concorda com esta interpretação?*

Como não aparece o preconceito? O Pitanga tem um preconceito horrível com aquela empregada! E o homossexualismo? Dentre os vários preconceitos que a novela mostra, aparece o preconceito contra o negro, principalmente quando tem a relação da Camila com o menino que é branco. Por que negro tem que casar só com negro? E branco com branco? Me diga como é que você pode estabelecer na relação amorosa uma questão étnica dessa forma? Claro, se eu caso com negros, eu tenho filhos negros! Se você, do ponto de vista ideológico, quer ter uma sociedade toda negra, você vai partir desse princípio, da defesa do casamento dentro da etnia, mas a relação amorosa não pode ter esse corte ideológico porque senão é uma eugenia a toda prova! Na relação amorosa, as escolhas são absolutamente pessoais. O que a gente está buscando é isso, se você quiser casar com um negão, que case! Se você não quiser casar, não case! Mas não pode haver esta coisa já determinada no nível das relações pessoais. Uma coisa que me deixa furiosa, é quando alguém vem cobrar que o Pelé só casa com branca; droga, cobrem outra coisa do Pelé! Se ele acha que a branca é melhor do que a negra, o problema é dele! Eu não tenho que legislar sobre isso! Eu quero discutir outra coisa sobre o Pelé!

Então, a novela na verdade coloca uma família com toda essa história e suscita o debate sobre o preconceito de todos nós. Porque em cada núcleo focalizado pela novela aparece o preconceito. O Pitanga trata aquela empregada de uma forma horrível, mas que é como na verdade muitas empregadas são tratadas. O machismo também aparece, a questão da mulher e do trabalho, por exemplo. Então, em cada núcleo apresenta-se um preconceito. A novela vem tendo muita repercussão. Eu passo na rua com o Pitanga, e várias pessoas dizem "deixa a sua filha ser modelo, deixa a sua mulher trabalhar, trata a sua empregada direito". Quer dizer, a novela pegou. A novela está rica na questão do preconceito, a cara da nossa sociedade.

*Uma última questão em relação ao voto étnico, em relação à eleição de candidatos negros. Você acha que a adoção do voto distrital no Brasil poderia facilitar a eleição dos candidatos negros nos distritos com maior concentração de negros?*

Não, porque nós não temos cultura para isso. Eu acho que a consciência da negritude nasce com trabalho. Na campanha, quando eu

falei que as pessoas esfregavam a mão na pele para indicar a cor, o gesto das pessoas indica a consciência que elas têm. Mas institucionalizar o voto negro, isso não funcionou, já tivemos provas nesse sentido.

*Mas e o voto distrital?*

Não, o voto distrital não vai ajudar em relação ao voto étnico. Porque quando as pessoas diziam assim: "Não vote em branco, vote negro", era uma forma disfarçada de levantar a questão; mas quando colocavam "Negão, vote em negão", não pegou. É como "mulher, vote em mulher", "trabalhador, vote em trabalhador". Trabalhador não vota, mulher não vota e negão não vota! Porque essa consciência ainda não foi criada, e é preciso criá-la, com movimentos, debates!

*Agora, Benedita, em relação ao movimento negro, gostaríamos que você falasse um pouco da sua relação com o movimento negro organizado e de sua trajetória pessoal e política.*

A minha relação com o movimento negro é uma relação muito respeitosa, de respeito mútuo apesar das visões muitas vezes conflitantes. Sempre fui militante do Instituto de Pesquisa da Cultura Negra, no Rio de Janeiro. E sempre tive um apoio, em nível de assessoramento, do Movimento Negro Unificado (MNU). Em São Paulo, por exemplo, eu tenho um trabalho com o Geledés. Eu sempre tive uma relação com o movimento negro organizado, o que não quer dizer ausência de conflitos. O movimento negro tem sido importante como movimento político, mas há algumas décadas ele tem se partidarizado, e isso tem prejudicado muito o movimento negro.

*Tem prejudicado como? Gostaríamos que você falasse um pouco dessa relação do movimento negro com os partidos políticos em geral, e da relação com o PT em particular, que é o partido a que você pertence.*

O movimento negro tem se partidarizado em nível de lutas, e os partidos no poder não têm conseguido unificar essas lutas. Então, se é o PDT que está no governo, o movimento negro sofre porque o PT não entra, o PSDB não entra. Se é o PSDB, não entra o PT, não entra o PDT, e vice-versa.

*Você quer dizer que o movimento negro teria que estar um pouco acima das divisões partidárias, teria que ser um movimento suprapartidário?*

Não, o que estou dizendo é que o movimento negro tem que propor políticas para os partidos. Quer dizer, eu quero me reservar o direito de ser do PT e ser negra e tratar das questões raciais internamente no meu partido, poder travar com o meu partido o debate sobre questão racial tal como ela está posta pelo movimento negro.

*Em relação ao PT especificamente, Benedita, como é que tem se dado a discussão sobre os problemas raciais, qual é a relação do partido com o movimento negro?*

Como o PT é ainda um partido muito novo, eu acho que nós mulheres no interior do partido já avançamos muito mais que os negros em nível de propostas. Nós mulheres já temos uma posição, temos conquistas. Eu acho que nós os negros, não. Ainda estamos formulando políticas. Porque a questão racial é muito mais difícil de ser tratada porque temos um temor introjetado em nós, que é inconsciente e consciente, de mexer com a questão racial. Por exemplo, nós estamos comemorando o tricentenário de Zumbi. Por que a gente simbolizou em Zumbi a luta do povo negro? Porque Zumbi não foi apenas o homem que se revoltou, ele foi um quilombo, um modelo de sociedade, em condições desfavoráveis, onde tivemos um processo de distribuição de renda que se diferencia do que existe hoje. Os negros tiveram terras, e onde estão as terras dos negros? Negro tinha terra, negro produzia. Havia também uma intelectualidade negra, pensadores, políticos. O quilombo foi uma sociedade que sobreviveu ao colonialismo e às formas escravocratas, colocando o modelo de uma sociedade plural.

Mas, no entanto, nenhum de nós teóricos — e aí eu não me incluo porque eu não sou teórica —, pensadores, cientistas políticos negros, não conseguimos formular uma teoria a partir dessa referência quilombola. E os teóricos e cientistas políticos brancos também não conseguiram absorver a experiência quilombola nas reflexões. Essa é uma das lutas que eu levo. Como eu não sou uma estudiosa, teoricamente falando, de algumas dessas questões, eu sempre digo para os negros antropólogos, sociólogos, cientistas políticos: "gente, façam um estudo, uma pesquisa, e proponham teoricamente um modelo de sociedade que possa ter uma referência nos quilombos no nível da distribuição de renda, da organização social, da relação cultural". A nossa intelectualidade tem que produzir alguma coisa nesse sentido, aí ela vai travar um debate.

Mas não debate do tipo que vem sendo ventilado pela mídia, "Zumbi é gay!". Isso mexeu. O que eu tenho recebido de material para me dizer que ele não era! Eu me lembro que na Assembléia Nacional Constituinte eu estava na comissão que tratava dos direitos da mulher, do negro, do índio, do adolescente, e das minorias de modo geral, eu estava defendendo os direitos dos negros. E eu tinha convidado um rapaz, eu esqueci o nome dele agora, para dar um depoimento na comissão para me ajudar na discussão da emenda que eu tinha sobre orientação sexual. Quando chegou a hora em que eu fui falar da questão da orientação sexual, da importância desse problema, que eu era uma mulher protestante, que eu era evangélica, que eu tenho uma outra concepção da questão da liberdade individual etc., falando sobretudo da relação humana e não exclusivamente do ponto de vista político, falei da relação humana porque política. Ah, gente, levanta um negão lá e diz: "Você tem que me dizer se no navio negreiro tinha viado!". Mas assim!

*E você, Benedita?*

Que é que vocês acham? Eu arrasada, acabada, destruída, eu estava acabando de tratar da questão do preconceito contra o negro, e aparece um machista contumaz para dizer que no navio negreiro não tinha gay!

*Será que então o preconceito contra o homossexual é mais forte ainda do que contra o negro?*

Não, não é uma questão de ser mais forte, é que ele existe. E a gente não pode dizer: "Olha, existe o racismo e são apenas os brancos que são racistas em relação aos negros". Existe o machismo e o machismo não quer dizer que é apenas uma manifestação do masculino, mas é uma manifestação também do feminino, as mulheres também são machistas em várias ocasiões. Eu conheço um caso de uma pessoa, um negro, que casou com uma branca, uma branca linda. Bom, o que eu trabalhei a cabeça dele para ele desistir do casamento foi uma loucura, porque ele era um racista contumaz e eu dizia, você vai destruir essa menina, eu vou te denunciar! Ele dizia que ela era apaixonada por ele, e que ele gostava dela e tudo o mais. Mas quando ele se lembrava que os brancos tiraram as línguas dos negros, aí ele ficava transtornado. Eu dizia, meu Deus, não dá! Você vai fazer essa mulher infeliz! Aí eu dizia, você só casa com ela quando você tiver certeza que você vai poder enfrentar isso dentro de você. Ele, por exemplo, não sentava perto de um branco no ônibus porque quando ele lia que na África do Sul o branco não deixava... meu Deus, ele ficava louco.

*Era um militante 24 horas por dia...*

24 horas por dia! Mas passou, graças à Deus ele conseguiu. E eu fui para ele com a Bíblia; bíblicamente ele conseguiu. Hoje eles são um casal mais feliz, ele é um militante mais desarmado.

*Você colocou há pouco a questão dos quilombolas. Esse é um tema que tem ocupado o Congresso, porque inclusive existe todo um problema de terras vinculadas às populações quilombolas. Gostaríamos que você falasse um pouco desse trabalho parlamentar com relação à questão das terras dos quilombos, dos remanescentes de quilombos.*

Pois é, essa foi uma das coisas mais felizes da minha vida, quando eu consegui colocar na Constituinte as terras dos remanescentes dos quilombos. E fiz em meio a uma guerra da UDR com a questão da terra, da reforma agrária. Eu dizia: "Meu Deus, eu não vou conseguir, porque a hora que a UDR conseguir ver que isso daí é terra para negro, não vai deixar passar!". A questão da terra para os índios já estava uma loucura. E eu estava cuidando da questão das demarcações das terras indígenas, da questão da reforma agrária. Porque a verdade é que a discussão sobre a reforma agrária não conseguiu absorver a questão da demarcação das terras indígenas e das terras dos remanescentes dos quilombos. Então ficamos obrigados a tratar separadamente as coisas. E foi até bom num primeiro momento, porque saímos daquela grande disputa ideológica que era a reforma agrária, com a comunidade ruralista da UDR, louquíssima, e deu tempo de trabalhar um pouco mais especificamente as demarcações das terras indígenas e das terras dos remanescentes dos quilombos.

Em relação às terras de negros, o problema é que as terras foram tomadas. Eu conheço grupos que trabalham nas terras que foram tomadas,

que eram deles, e eles continuam trabalhando como escravos. E a inocência é tão grande que quando eu cheguei na Constituinte, veio uma família de Minas Gerais, de Uberlândia, com umas documentações nas mãos, originais, sobre uma quantidade grande de terras. Quando eu vi aquela papelada batendo na porta de deputados ruralistas, gritei "socorro, por favor". Tomei tudo e saí atrás de um advogado. Eles tinham ido bater na toca do lobo... Eu fiquei enlouquecida! E foi naquelas documentações que eu me baseei para fazer o dispositivo sobre as terras de negros. Hoje nós temos alguns quilombos que possuem todas as condições de serem titularizados e outros que precisam apenas de uma regulamentaçãozinha para poder identificar o grupo e aquela coisa toda. Eu tenho um projeto regulamentado e tenho conversado com a Fundação Palmares, há toda uma iniciativa para resolver essas coisinhas, e eu penso que este ano é o ano propício para darmos início a esse trabalho.

*Ainda em relação ao movimento negro e às suas lutas, o que você acha desse movimento pelas reparações, que briga pela indenização dos descendentes de escravos?*

Eu acho legítima toda e qualquer manifestação, eu só não concordo. Eu sei que devemos viver a nossa utopia, mas as reparações, pelo menos da forma que têm chegado até o meu conhecimento, ficam inviabilizadas. Quem vai indenizar? Eu acho que a questão das terras dos remanescentes, a luta pela imagem do negro, para organizar o negro no mercado de trabalho, organizar o negro em nível empresarial, do ponto de vista econômico, fazer com que o Brasil estreite suas relações comerciais com os países africanos, todas essas são formas de luta perfeitamente legítimas. São processos lentos mas possíveis de serem levados a cabo. Eu estava outro dia conversando com o Fernando Conceição, autor do projeto pelas reparações, e eu disse que ia examinar o documento com todo o carinho. Mas não dá para ter um projeto tão avançado, neste exato momento, fica inviabilizado. Não é que eu esteja fazendo concessões ou recuando, mas sendo mais realista. E quem é que paga as indenizações? O Estado vai pagar? O Estado não vai pagar, então você tem que ter medidas compensatórias que levem a que isso aconteça num futuro bem próximo.

*E esse tipo de luta conhecida como ação afirmativa, comum nos Estados Unidos, que estabelece cotas para negros em vários setores?*

Essa já é uma prática mas que às vezes encontra resistência entre os grupos. É como as cotas de mulheres, por exemplo, que nós defendemos no PT. Não foram todas as mulheres que concordaram, mas foi a maioria. Os projetos de cotas não são projetos que possuam unanimidade entre nós, nem mesmo entre a bancada do PT. É uma discussão. Eu estou fazendo leituras de outras Constituições para ver como foram introduzidas as questões de cotas. Em relação às terras dos remanescentes, por exemplo, eu estou examinando como isso foi feito em outros países. Em relação aos índios, a mesma coisa. Há experiências incríveis, como a da Colômbia. É preciso mostrar que nós

estamos atrasados, que esses processos estão ocorrendo no mundo todo, e tirar o viés ideológico que a questão possui, entendeu?

*Mas esse tipo de ação afirmativa tem sido criticada nos Estados Unidos, assistimos a um momento de crítica a esse tipo de política.*

Estão num momento de crítica porque estão avançados. As coisas mudaram, mas as ações afirmativas nos EUA, na minha avaliação, deverão ter continuidade. É interessante tomarmos o exemplo dos Estados Unidos. Eu acho que nos EUA comeram mosca, porque podiam ter feito uma mobilização muito maior. O Jesse Jackson tenta fazer isso. O meu papel como senadora não é só ficar fazendo leis, eu me vejo no papel de articular, em nível nacional, o negro brasileiro. Mas articulá-lo em qualquer classe social, pois a questão racial não é uma questão só do operário negro. Pegar a elite negra, sentar com ela, discutir, ver quais suas intenções, fazer com que faça grandes investimentos, fazer com que seja mais ousada, discutir com as câmaras, já que nós temos várias câmaras de comércio etc. Eu acho que esse é o meu papel neste momento. A minha luta não é só dentro do meu estado, ainda que eu defenda os seus interesses, que eu tenha várias propostas para que economicamente esse estado cresça, na luta contra a violência e tudo o mais. Mas também quero ser uma articuladora nacional e internacional da questão negra, de aproximação dessa comunidade para ações positivas, altamente positivas.

Por que eu luto pela escola pública, por exemplo? Porque a escola pública é o único acesso que o pobre tem — e o negro principalmente — à educação. Todos sabemos que a escola pública hoje é de baixa qualidade, os alunos dessas escolas não têm condições de competir com os das escolas particulares. É diferente da escola pública da minha época, onde tinha negros e brancos, e eu era tão inteligente quanto um branco. Hoje a imagem que a sociedade tem é que os menos inteligentes estão numa escola pública. Eu quero aproveitar o potencial dessas crianças que estão na rede pública, fazer com que haja ações afirmativas, mesmo na universidade.

Eu estou com outro projeto de cotas, que garante um determinado número de bolsas para pobres nas universidades. Porque eu não aguento mais olhar as universidades públicas e ver quem está nelas. Sim, porque só a classe média e o rico chegam às universidades, principalmente às públicas, porque o pobretão não está lá, primeiro que ele não aguenta o vestibular. Eu me formei em vestibular, fiz quatro vezes e não consegui; aí eu me sentia burra, achava que não seria capaz. Então tentei o vestibular em outras universidades particulares. Tentei sabendo que não tinha dinheiro para pagar, e passei. Aí, é claro, não tinha dinheiro. Foi uma loucura para eu fazer o curso! Quando fiz a segunda foi mais tranquilo porque eu já era vereadora, já tinha um outro tipo de salário.

*O primeiro curso que você fez, qual foi?*

Fiz Estudos Sociais na escola particular, foi uma loucura! Deixei de comer muitas vezes para poder pagar as mensalidades. Tinha dias que eu

ia para a aula e a cabeça rodava. E eu tinha muita raiva dessa situação, porque eu estava na universidade e o nível do meu conhecimento, em determinado momento, era muito mais elevado do que o de vários outros alunos. Eu briguei muito na sala de aula, eu protestava. Um dia, por exemplo, eu estava na sala de aula e ouvi o seguinte comentário: "olha, essas mulheres no meio da rua, esse povo não quer nada, não faz nada!". Isto numa escola de serviço social, numa universidade de serviço social! Aí, eu respondi: "É só vocês darem um emprego para elas, mas eu duvido que vocês vão dar emprego a mulheres que estão aí, no meio da rua, que são negras, sujas e desdentadas". Eles me infernizaram a vida na universidade, não foi fácil, e tudo porque eu contestava e eu era pobre, eu incomodava. Então eu vi que não tem jeito, pobre não estuda, pode até fazer o primeiro grau, mas da universidade o pobre está excluído. Então tem que ter cota para pobres!

*E para os negros também?*

Para negro, ainda estou brigando, nessa área tem que ir devagar. Aqui no Brasil, tem que ir mais devagar. Mas sei que ao tratar do pobre, eu estou ajudando os negros, porque no Brasil eu sei que majoritariamente o pobre é negro.

*Benedita, mudando um pouco de assunto, um dos elementos que sempre se colocou com relação à sua trajetória, à construção da sua identidade, é o fato de você pertencer à Assembléia de Deus. E os pentecostais, em geral, assumem uma posição de confronto com as religiões afro-brasileiras que, por sua vez, são bastante vinculadas à cultura negra no Brasil. Muitas pessoas, inclusive, associam a dignidade do negro à recuperação dessas religiões. Como se sabe, existem lideranças religiosas afro-brasileiras que têm tido bastante contato com o movimento negro organizado. Como é que você se relaciona com essa liderança negra, e como é que o fato de você ser evangélica influencia ou não essa relação? Por exemplo, os fiéis dessas religiões se contrapõem a você?*

Olha, o meu voto é sobretudo o voto da negritude, quer dizer, ele não passa pela religiosidade, eu posso dizer isso com todas as garantias. Eu tenho os evangélicos que votam na Benedita, porque eu sou evangélica, e tenho os outros que votam porque são petistas, e outros que deixam de votar porque eu sou PT, outros ainda que deixam de votar porque eu sou do movimento negro, e tem gente do movimento negro que deixa de votar porque eu sou protestante. Então eu centralizo o meu trabalho na questão da negritude, que atravessa todas essas divergências. Um movimento, qualquer que seja ele, um movimento, um partido político etc. tem um critério, uma filosofia, isso que eu chamo de "uma ideologia". Então ele tem que ser capaz de agregar todas essas correntes e discutir as divergências. Porque quando o movimento organizado começar a fazer a seleção de seus militantes a partir, por exemplo, da religião, eu vou estar fora. Eu não sou menos negra, menos consciente, porque sou pentecostal! Do meu ponto

de vista, eu sou mais consciente, sou mais negra, porque eu sou pentecostal. Porque eu conheço a história dos pentecostais, da luta dos pentecostais. Os pentecostais, no Brasil, se tornaram de direita mas, na origem, eram um movimento altamente revolucionário. Os protestantes são, na verdade, uma ruptura com a Igreja Católica, como nós sabemos. Eu resgato sempre historicamente o movimento dos pentecostais.

A religião afro-brasileira existe a partir da chegada do negro aqui, mas não é verdadeiro que em nível de civilização mundial da comunidade negra todos nós somos do candomblé, ou que somos da umbanda. Ninguém é menos negro na África porque é muçulmano! Eu estou no pentecostalismo e não abro mão de ser pentecostal. Essa é uma das discussões que de vez em quando aparece, alguém que me faz esse tipo de cobrança. Mas para mim elas são irreais porque na comunidade negra você tem os muçulmanos, você tem os católicos, os protestantes etc. Os senegaleses, por exemplo, são 99% muçulmanos, e no entanto nós estamos aí com a nossa África senegalesa, contando uma história, levantando o patrimônio da humanidade na ilha de Goree, entreposto de escravos, de onde saiu a maioria dos negros, uma cultura lindíssima, maravilhosa.

*Gostaríamos que você falasse um pouco sobre a direitização do pentecostalismo no Brasil, porque vários autores chamam a atenção para o potencial revolucionário que teria o pentecostalismo e, por outro lado, essa adesão à direita, como você vê isso?*

É importante colocar que o pentecostalismo tem uma ação altamente revolucionária, e tem a ver com a negritude. O pentecostalismo é uma das linhas altamente discriminadas dentro da religiosidade porque alegam que os pentecostais são ignorantes, são aqueles que, não tendo conhecimento, se deixam levar. E é discriminado também porque tem uma origem racial muito forte, tem muitos negros. E quando o pentecostalismo chegou ao Brasil, ao invés de ele ter vindo com a força política progressista que possuía, mandaram para cá os missionários brancos. Você não vê nenhuma manifestação de missionários negros por aqui! E as diferenças são nítidas, é só pegar uma pregação do Jesse Jackson, ou de um pastor negro qualquer, e uma de um pastor branco. Quando houve, então, a pregação do pentecostalismo no Brasil, através desses missionários brancos, eles retiraram o potencial político e racial dos discursos. A pregação pentecostal ficou reduzida a colocar o homem e a mulher a serviço unicamente de Deus e do próximo. Houve uma espécie de alienação do pentecostalismo, mandando os seus fiéis não se meterem na política. E não era essa a proposta dos pentecostais, pelo contrário. Os batistas, por exemplo, organizaram trabalhadores; a Bíblia é o maior *best-seller* que você possa conhecer: as coisas que a Bíblia diz em termos de direitos!; ela nos ensina em todos os momentos.

Com esse endurecimento da greve dos petroleiros, o endurecimento do presidente para as negociações, e a entrada do Antônio Carlos Magalhães na discussão, e aquela direitona brabíssima, eu pensava: "Meu deus, eu não

estou aguentando o PFL ao lado do PSDB!". Aí, estava lá o PFL: "Porque o Fernando Henrique é o Estado, porque ele tem que defender, ele vai perder a autoridade se negociar etc. etc.". E eu não sei quem meteu na cabeça do Fernando Henrique que ele, como presidente, perde a autoridade porque tem que falar com um bendito de um operário daqueles! E naquela discussão toda, eu dizia: "Queria só que o meu presidente falasse, porque ele é o meu presidente!". "Não, mas não pode!", diziam os demais. Aí, eu recorri à Bíblia: "Olha, ao presidente cabe a decisão salomônica, no momento em que você tem duas partes reivindicando pelo mesmo direito, tem uma decisão salomônica colocada, e ela está nas mãos do presidente da República, ela não está na mão de outro". A decisão salomônica não funcionou. Aí, eu disse: "Vejam o exemplo de Jesus Cristo. Um dia ele se viu diante de uma mulher que foi apanhada em flagrante, e ela tinha que ser apedrejada. Mas ele não apedrejou aquela mulher, não foi contra a lei. Sabe o que foi que ele usou? A fala!". Eu peguei este exemplo e pedi: "Eu só queria que o meu presidente falasse!".

---

Novos Estudos  
CEBRAP  
N.º 43, novembro 1995  
pp. 8-25

---